

Escuta on-line de professoras: construções coletivas do estágio em Psicologia

Online listening of teachers: collective constructions of the internship in Psychology

Mariluci Wegner¹ e Suelen Hemsing²

Resumo: Com as medidas preventivas para a contenção da pandemia de Covid-19, as pessoas modificaram suas rotinas, aprenderam novas formas de trabalhar, de estudar e de se comunicar. Assim, surgiu a possibilidade de realizar o estágio básico da graduação em psicologia de forma on-line, coordenando o grupo terapêutico “Escuta Quem Educa”. Este grupo foi idealizado para acolher gratuitamente profissionais da educação, que estavam se reinventando profissionalmente. Isolados, estes profissionais passaram a sentir uma sobrecarga de trabalho em suas casas, espaço no qual antes buscavam priorizar o descanso e a família. A coordenação do “Escuta quem Educa” compõe parte das práticas necessárias na realização do estágio obrigatório curricular da graduação em psicologia e resultou em vivências, narrativas e reflexões muito interessantes. A presente escrita tem como objetivo relatar parte significativa desta experiência, que vem acontecendo desde outubro de 2020 e que mostrou ser possível realizar um trabalho terapêutico em grupo no espaço virtual, se houver desejo, implicação e engajamento para utilizar os mais diversos recursos e propiciar as manifestações do inconsciente.

Palavras-chave: Grupo terapêutico on-line; Trabalho docente; Relato de experiência.

Abstract: With preventive measures to contain the Covid-19 pandemic, people have changed their routines, learned new ways of working, studying and communicating. Thus, the possibility arose to carry out the basic internship of undergraduate courses in psychology online, coordinating the therapeutic group “Listen to those who educate”. This group was designed to receive free education professionals, who were reinventing themselves professionally. Isolated, these professionals began to feel an overload of work in their homes, a space in which they previously sought to prioritize rest and family. The coordination of “Listen to those who educate”, composes part of the practices necessary to carry out the compulsory internship of the undergraduate course in psychology and resulted in very interesting experiences, narratives and reflections. This writing aims to present a significant part of this experience, which has been happening since October 2020 and which has shown that it is possible to carry out a group therapeutic work in the virtual space, if there is a desire, implication and engagement to be able to use the most diverse resources and provide the manifestations of the unconscious.

Keywords: Online therapeutic group; Teaching work; Experience report.

¹ Estudante de Psicologia – UFRGS. Estagiária de Psicologia. Professora na Rede Municipal de Educação de Porto Alegre. E-mail: mariluciwegner@yahoo.com

² Estudante de Psicologia – UNISINOS. Estagiária de Psicologia. Bolsista de iniciação científica na área de gestão escolar. Voluntária no grupo de pesquisa CER Bebê. Membro da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. E-mail: hemsingsuelen@gmail.com

Introdução

Para a contenção da pandemia de Covid-19 foram adotadas medidas preventivas como o distanciamento social, que consiste em um distanciamento físico entre as pessoas. Grande parte da população precisou seguir em seus grupos sociais somente através das tecnologias de comunicação, foi o que aconteceu com a escola no chamado “Ensino Remoto Emergencial”, que consiste, segundo Moreira e Schelemmer (2020) em modalidade de ensino ou aula que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes e vem sendo adotada nos diferentes níveis de ensino. A escola invadiu as casas das professoras e estudantes, assim repentinamente todos tiveram de se adaptar às novas formas de estudar e de ensinar. Entre aulas síncronas e assíncronas; reuniões on-line; preparo de materiais impressos e digitais; uso de plataformas educacionais, com criatividade e esforço, docentes seguiram seu trabalho, disponibilizando tempo de apoio aos estudantes e às suas famílias. Assim, muitos sentiram uma sobrecarga de trabalho, mesclando suas atividades profissionais e escolares com os afazeres domésticos.

Em “A mulher escondida na professora”, Fernández (1994) aborda a construção da subjetividade da professora e os papéis sociais que desempenha, relacionados ao cuidado e ao trabalho com crianças. Pensando no Ensino Remoto Emergencial, as mulheres-professoras acumularam diversas funções em suas casas.

Sabe-se que a pandemia tem grande capacidade de afetar a saúde mental das pessoas. Além disso, a profissão docente é considerada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) como uma das mais estressantes, pois ensinar é uma atividade desgastante, com repercussões evidentes na saúde física e mental (Reis *et al.*, 2006). Pensando nestas questões e no sentimento de fortalecimento ao estar com os pares, criou-se o grupo terapêutico on-line “Escuta quem Educa”.

Método

O grupo terapêutico “Escuta quem Educa” conta com sete participantes (professoras e psicopedagogas), das quais cinco participam ativamente nos encontros síncronos pela plataforma Zoom, utilizando suas câmeras e áudios. Os encontros são coordenados por estudantes de psicologia em estágio curricular obrigatório e seu início ocorreu no atípico outubro de 2020. O “Escuta quem Educa” é caracterizado como um grupo aberto (Zimerman, 1999), ou seja, não há um número de encontros preestabelecido e as pessoas podem ingressar ou sair a qualquer momento. Os encontros semanais ocorrem aos sábados pela manhã.

A psicanálise é o referencial teórico-técnico que sustenta a escuta e geralmente são utilizados dispositivos clínicos para fomentar a livre associação de ideias, a fala e a reflexão. As coordenadoras realizam uma observação participante, que conforme Queiroz *et al.* (2007), trata-se de uma técnica muito utilizada pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos.

Freud (1921) *apud* Zimerman (2007), preconizou que a psicologia em algum momento passaria a se interessar mais pelos processos grupais, já que “na maior parte de nossas vidas, vivemos e convivemos em uma permanente, intensa, extraordinária e complexa relação do indivíduo com o mundo.” Neste sentido, foram pensados os grupos terapêuticos de orientação psicanalítica,

porém com o contexto da alta taxa de transmissão do novo vírus SARS-CoV-2, os encontros em grupos só poderiam ocorrer de forma on-line. Belo (2020), aponta que a própria psicanálise foi “gestada” de forma remota, a partir das cartas entre Freud e seus amigos, como Fliess, por exemplo. O mesmo autor, destaca que atendimentos psicológicos remotos já aconteciam através do telefone, o que se intensificou com o desenvolvimento das tecnologias.

No Escuta quem Educa, inicialmente houve o enquadre, no qual foram feitas combinações e explicações sobre falar livremente, sobre abandonar o medo de julgamentos e ressaltada a questão do sigilo sobre o que é tratado durante os encontros. Assim, construímos um espaço virtual de circulação da palavra, onde as participantes compartilham angústias, medos e reflexões, demonstrando que consideram o grupo seguro, fortalecedor e sobretudo terapêutico. Por tratar-se de um grupo composto por mulheres – professoras, que compartilham várias questões, nasce o sentimento de uma identidade de grupo. Os encontros eram permeados pelo fenômeno da identificação, que é um processo ativo do ego do indivíduo, e consiste em que este venha a se tornar idêntico a um outro (Zimerman, 1993). Assim, todos os assuntos tratados no grupo ressoavam nas participantes. As estagiárias-coordenadoras participam “costurando” as falas e mediando os encontros, dando uma continuidade aos assuntos, fazendo cortes, questionamentos e provocando reflexões. Nas supervisões semanais, eram relatados os encontros e toda a equipe de estágio pensava e sugeria intervenções, leituras e dispositivos.

Relatos da experiência

No primeiro encontro do grupo “Escuta quem Educa” foi apresentada uma imagem com diversas capas de livros, para motivar as participantes a se apresentarem, por meio de elementos de algum livro que gostassem: poderia ser o personagem, autor, título, trecho da história ou o que desejassem. Deste modo, M. escolheu o título “A louca da casa”, da autora Rosa Montero (2003) e iniciou sua apresentação dizendo que se sentia “a louca da casa, do computador, do celular, da escola, de tudo”, comentando sobre ser professora em duas turmas (berçário e primeiro ano); sobre estar trabalhando em casa e utilizando o *Whatsapp* para atender alunos e famílias; sobre as intermináveis e incontáveis reuniões on-line e sobre ser mãe e dona casa em meio ao distanciamento social por conta da pandemia de Covid-19. Os relatos e apresentações seguiram e a partir desta escuta inicial, as coordenadoras do grupo e supervisora de estágio, passaram a analisar os ditos e não ditos, pensando em dispositivos como vídeos, músicas, poemas e dinâmicas grupais que promovessem reflexões, associações e a fala.

Um dos primeiros assuntos mais conversados em grupo, foi o sentimento da falta de reconhecimento do trabalho docente pelos gestores e população em geral. As professoras devem estar preparadas para acolher e orientar estudantes e suas famílias, enquanto muitas vezes não se sentem acolhidas, escutadas ou enxergadas. Uma das participantes falou sobre “a invisibilidade do berçário”, turma na qual trabalhava: uma turma preterida por muitas professoras, com a qual as gestões escolares pouco demonstram se preocupar. Segundo esta professora de berçário, “parece que por se tratar de bebês que choram, que precisam ser trocados, alimentados e aconchegados no colo, as professoras e gestoras não querem estar neste espaço. Já em outras turmas de Educação Infantil com crianças maiores, existe um grande investimento, pois há atividades que envolvem ensino de letras, números, etc.” Sobre o olhar, neste encontro lembramos de Winnicott (1975), que traz a ideia de que o rosto da mãe tem o papel de um espelho e a importância do olhar e expressões da mãe para

seu bebê, para o bom desenvolvimento psíquico da criança. Ficou evidente no grupo a importância incontestável de uma professora de berçário para o desenvolvimento de diversos sujeitos, já que esta exerce a função materna enquanto está trabalhando. Além disso, falou-se sobre como os adultos em seus diversos grupos sociais precisam do olhar de alguém que exerça a função materna de acolher, incentivar e valorizar as potencialidades.

Apesar de todas as queixas em relação ao ensino remoto emergencial, nas férias escolares as professoras comentaram sobre a dificuldade em “se desconectar” da escola, se compararam “a pecinhas de uma grande engrenagem”, ou seja, faziam o que precisavam fazer: sem refletir ou deixar emergir sentimentos, demonstrando essa dificuldade de olhar para o que causa desconforto. Uma das participantes comentou que se “sentia perdida” neste início de férias. Outra participante, comentou que há muito tempo não experimentava o ócio, o não fazer nada e o quanto estava precisando desta experiência. Ainda sobre esta sensação de estar realizando tarefas de forma automatizada, todas relataram sobre a necessidade de controlar emoções em seus locais de trabalho, de demonstrar força “como muralhas” e o quanto seus corpos foram educados desde adolescentes, quando cursavam o magistério. Todo este controle sobre os corpos e comportamentos das pessoas lembra Foucault (2008) “a organização espacial, horários, escala hierárquica, tudo leva a essas instituições a prescrição de comportamentos humanos estabelecidos e homogêneos”, mostrando a busca pela docilidade e disciplinarização dos corpos. Durante os encontros, foi discutido o quanto momentos de reflexão em grupo ajudam a refletir sobre o se sentir “institucionalizada” em seus locais de trabalho. As participantes, também comentaram sobre a importância de perceber estes processos para não replicar todo o controle que sentiram sobre si em seus estudantes ou nas novas colegas professoras.

A partir da leitura do livro infantil “A parte que falta” (Silverstein, 2018), foi proposta a discussão sobre a falta em nossas vidas. Algumas emocionadas, fizeram comentários muito interessantes: sobre a dificuldade em perceber “o que é delas, o que o outro as impõe e a importância de saber dizer não”. Chegaram ao pensamento de que na vida sempre algo está faltando e que se procura preencher esses vazios de maneira incessante na relação com o outro. Surgiram diversos exemplos, como o adoecimento promovido pela imposição de padrões estéticos na sociedade. Devido ao distanciamento social, falou-se sobre o sentir falta dos familiares, falta do trabalho presencial, falta de festas e de passeios, como potencializadores das fragilidades e temores apresentados nos encontros do grupo.

Com o possível retorno presencial das aulas em fevereiro de 2021, a discussão envolveu uma mistura de ideias e de sentimentos: existia a vontade de trabalhar presencialmente, o saber que as crianças das escolas de periferia podem sofrer longe da escola, sem interagir com colegas, sem este espaço que proporciona diversos cuidados, além do ensinar. Também se destacava o saber que muitas escolas não estão apropriadas e seguras para um retorno presencial, o medo de se contaminar com Covid-19 ou contaminar os outros, a consciência de que as taxas de hospitalização e de mortes eram altas no Rio Grande do Sul. A partir deste momento, foram usados dispositivos na intenção de promover a reflexão sobre as práticas de autocuidado e a importância de buscar manter a saúde física e psíquica. Em um dos encontros, foi proposto que desenhassem seu maior medo e em seguida rasgassem a folha. Antes de rasgarem seus medos, todas falaram sobre eles, por iniciativa própria. L. se emocionou e falou sobre vários receios envolvendo o trabalho, a família e o Covid-19. Neste dia, relatou ter desaparecido uma dor que sentia há muitos dias em sua cervical. Este foi um grato e bonito momento da prática

de estágio em psicologia, pois observamos aspectos da teoria psicanalítica. Conforme Freud (1920), o sintoma se constitui como uma solução encontrada na busca de um alívio da tensão do aparelho psíquico, então quando L. fala que sua dor desapareceu, fica evidente um alívio após colocar em palavras as suas angústias.

O grupo passou a comentar sobre a dificuldade em priorizar o autocuidado em seu dia-a-dia. Elas cuidavam de seus filhos, da família, da casa, do trabalho, dos estudos, esquecendo-se de “se colocar no primeiro lugar da fila.” E. falou como se sente vazia e sobre a sogra que mora com ela e depende de seus cuidados. Avisou que quando a sogra acordasse, teria de sair do grupo para atender a idosa. Relatou que não sente vontade de fazer nada. Não quer trabalhar. Sabe que precisa há muito tempo ir ao dentista, mas posterga e aguenta a dor. Assim, o grupo refletiu sobre os papéis da mulher na sociedade, concluindo que (infelizmente) ainda não é esperado que um homem cuide de uma pessoa idosa, por exemplo, o que fez retornar a reflexão sobre a construção social do ser mulher-professora.

Quando preocupadas com as “bagagens” e recursos internos que deveriam ter ao retornar presencialmente para a escola, muitas sem vacina e em cidades com altas taxas de transmissão de Covid-19, foi proposta a confecção de um barquinho de papel e uma reflexão sobre o assunto a partir de metáforas. No momento de confeccionar o barquinho através de dobradura, como acontece na escola, uma esquecia do passo-a-passo, outra ajudava. Ao pensarmos no barquinho como nossas vidas, surgiu a ideia de que todas passarão por mares revoltos e tempestades, mas que também haverá tempos de calma. Não sabemos ao certo, que bagagens vamos precisar ou vamos conseguir carregar nas nossas viagens, mas podemos pensar no que é importante termos conosco. Assim, sugeriu-se pensar e escrever nos barcos, palavras que simbolizavam os recursos que cada uma desejava ter. Demonstrando angústia, L. ativa o áudio dizendo que “só espera que seu barco não afunde.” Imediatamente, M. responde que “até os naufragados tem uma história que não será esquecida e antes de afundar, existem os botes salva-vidas e o resgate”, fazendo menção respectivamente às vidas perdidas e aos serviços de saúde. A fala de M. serviu como um curativo poético, aliviando a angústia sentida pelo grupo com a verbalização de L.

Em outro encontro, foi proposto realizar uma linha do tempo, usando como metáfora os altos e baixos das fibrilações cardíacas. Relacionamos os pontos altos desta linha, com tudo o que é potência de vida em nossas histórias, já os pontos baixos com o que há de negativo. Assim, rapidamente o grupo relacionou as batidas de um coração, com a vida e “seus pontos altos e baixos”, concluindo que uma linha reta e um coração que não pulsa, significam a morte. A participante C. trouxe um relato sobre seu tempo de graduanda, no qual uma disciplina exigiu muito de todos os estudantes, pela grande demanda de leitura. Então C. após aprovada, tatuou em seu corpo fibrilações com a palavra insistência. Evidenciando, por meio das discussões posteriores, a importância do externar, das representações artísticas, e de como é possível conhecer e olhar para nosso aparelho psíquico de diferentes maneiras e encontrar com o auxílio do Outro, a ressignificação, a transformação e a elaboração.

Análise de implicação

Assumir a coordenação de um grupo terapêutico é alinhar teoria e prática, tem seus desafios, impedimentos, situações que nem sempre estamos prontos para elaborar. As estagiárias que se vincularam à coordenação do grupo “Escuta

quem Educa”, e que atualmente trabalham como coordenadoras, possuem vínculo com a área da educação, daí também o interesse em estar à frente deste grupo, sendo que o desejo, é um grande propulsor para a efetivação, implicação e o sucesso desta construção grupal.

A coordenadora S., atualmente está no sexto semestre do curso de psicologia e a experiência com o “Escuta quem Educa”, foi sua primeira vivência grupal. O interesse pela participação como coordenadora, deu-se principalmente pela sua participação em um grupo de pesquisa, em sua universidade de origem, que trabalha a questão da gestão educacional, como ocorre o vínculo entre secretaria e escola. Estar presente neste lugar de coordenadora, suscitou diversos desafios, sentimentos e insegurança, mas que com supervisão, auxílio, abertura e disponibilidade do grupo, foram sendo confrontados, cessados, reinventados e potencializados.

A coordenadora M. cursa o oitavo semestre de psicologia e realiza seu primeiro estágio obrigatório curricular. Além de estudante, trabalha como docente no Ensino Fundamental na Rede Municipal de Porto Alegre. Assim, compartilha muitas das angústias discutidas pelo grupo, como o medo da Covid, os lutos, as perdas de pessoas queridas, a sobrecarga de trabalho remoto/presencial, o atendimento de comunidades carentes, o descaso de governantes e a falta de serviços de escuta aos profissionais da educação. A identificação com o grupo sempre foi intensa e a possibilidade de ocupar o espaço como estagiária em Psicologia, para realizar uma escuta atenta, só existiu com as supervisões, com as reuniões virtuais entre colegas de estágio e com a psicoterapia individual. Entre estes, o bom trabalho em equipe dos colegas de estágio foi primordial. Pois mesmo encontrando-se apenas virtualmente, devido às condições sanitárias da pandemia, foi possível estabelecer um bom vínculo, uma rede de apoio mútuo e construir um espaço de diálogo, tornando este importante momento da graduação mais leve e muito significativo.

Análise da experiência

O campo grupal constitui-se como uma galeria de espelhos, onde cada um pode refletir e ser refletido uns pelos outros (Zimerman, 1999). Este fenômeno permeia os encontros do Escuta quem Educa. O grupo caracteriza-se como coeso e harmônico, o que resulta do reconhecimento e da elaboração das distintas identificações. Como sabemos, a identificação é um processo do ego do indivíduo e consiste em que este venha a se tornar idêntico a um outro (Zimerman, 1993). Com o uso das tecnologias, formou-se um grupo de mulheres-professoras que vivem em cidades distantes e que educam crianças do sistema público de ensino. Todas vivenciam um difícil período histórico e compartilham de sentimentos parecidos em relação à docência e aos lutos causados pela pandemia.

Conforme Zimerman (2008) os indivíduos assumem determinados papéis no funcionamento do grupo, que provavelmente estão reproduzindo no cotidiano de suas vidas. A participante E. que dizia sentir um vazio, que não queria fazer nada, que postergou a visita ao dentista, aguentando a dor, também faltava muito nos encontros do Zoom. Ao ser questionada sobre sua disponibilidade em seguir no grupo, dizia desejar participar dos encontros síncronos. . . O que não acontecia. E. não estava disposta a tratar de uma dor de dente, nem de assumir sua responsabilidade na grupoterapia. Então, acabou desligando-se da atividade. Portanto, como toda experiência, seja ela presencial ou não, haverá interseções.

A pandemia trouxe maior visibilidade para diversos problemas sociais

que acometem as escolas e perpassam os fazeres pedagógicos. De acordo com Facci *et al.* (2020) a Covid-19 evidenciou as condições precárias e desumanas em que vive grande parte da população brasileira, com impactos também no acesso às informações científicas (e à devida compreensão destas) e nos modos de enfrentamento da doença. É importante destacar que a compreensão adequada da ciência não está relacionada apenas à condição socioeconômica, mas à possibilidade de cada sujeito, em seu processo de escolarização, de se apropriar de conceitos científicos e desenvolver suas funções psicológicas superiores (Vygotski, 1993). Além disso, recentemente as mudanças na legislação trabalhista retiraram direitos dos trabalhadores, que foram conquistados historicamente. Perdas de direitos e excesso de trabalho, tem se intensificado com a pandemia e causado adoecimento de educadores. Neste sentido, Facci *et al.* (2020) retomam a urgência da prática da Lei 13.935/2019 que dispõe sobre a prestação de serviços de Psicologia e de Serviço Social nas redes públicas de Educação Básica e ressaltam a implicação da psicologia na busca por uma sociedade mais justa, saudável e atenta aos seus direitos.

Considerações em elaboração

A coordenação do grupo “Escuta quem Educa” é uma rica experiência de estágio em psicologia. Percebe-se o apreço e o interesse das participantes por este espaço de escuta virtual, explicitando que é sim, possível, manter um grupo terapêutico de forma on-line, e ter resultados semelhantes a encontros presenciais. Foi uma forma criativa de realizar o estágio e proporcionar um momento de encontro para as professoras que repentinamente viram suas rotinas totalmente modificadas. Pode-se pensar que as tecnologias, de certa forma possibilitam aproximações: há participantes de outros estados do Brasil, por exemplo.

É interessante que surgem reclamações sobre as virtualidades neste momento, como as aulas virtuais, as reuniões pedagógicas pelos aplicativos, porém as professoras assíduas do “Escuta Quem Educa” demonstram muito engajamento no grupo e em nossas reuniões semanais. Evidenciando, conforme Kupfer (1989) a ideia de que ocupar o lugar designado à professora pela transferência é uma tarefa incômoda, visto que ali seu sentido enquanto pessoa é “esvaziado” para dar lugar a um outro que ela desconhece. Na transferência os estudantes, seus familiares e comunidade escolar em geral, projetam figuras importantes de suas histórias na pessoa da professora. Então, ressalta-se a importância de construir espaços para a fala, escuta e trocas entre as professoras, que muitas vezes se encontram em desamparo. Em diversos momentos, comentamos sobre o “falar para não adoecer”, resultando na queixa constante de que espaços de escuta e de acolhimento aos profissionais da educação são escassos. Como a professora poderá escutar e acolher estudantes, se não se sente escutada e acolhida? Como pode a educação ser essencial, se professoras perdem direitos, não são valorizadas, são sobrecarregadas com trabalho remoto/presencial e não são consideradas prioridade no momento da vacinação contra Covid-19? Já existe alguma publicação de quantas professoras brasileiras perderam suas vidas ao se contaminarem com Covid-19 no trabalho presencial? Quantas sobreviveram com sequelas? Quantas adoeceram mentalmente durante a pandemia, devido todas as implicações decorrentes da sobrecarga de trabalho? Por que as mídias afirmam que a escola deve ser a responsável por garantir a saúde das crianças? Que condições tem a escola de desempenhar esta função? Quais são os investimentos dos governantes e sociedade em geral para tornar a escola um ambiente que promova saúde para todos?

Em grupo nos sentimos fortes. Estamos no centenário da “Psicologia

das massas e análise do eu” (Freud, 1921) e é muito interessante pensar nos movimentos recentes das massas acéfalas ou com lideranças que podemos chamar de perversas; em contraste com coletivos que buscam uma vida mais justa e saudável para todos. É importante que se multipliquem os grupos que apresentam uma potência curativa, que promovam a saúde, a garantia dos direitos e o bem-estar. A psicologia deve estar engajada neste movimento, junto aos profissionais da educação. Afinal, saúde e educação são direitos universais e processos que ocorrem juntos: um promovendo o outro!

Como limitações, percebemos no “Escuta quem Educa” e demais atividades virtuais, a importância da presença física. Existe o sentimento da falta do abraço, do compartilhamento do cafezinho no intervalo, do som das vozes sem intermédio do celular ou do computador, sem o congelamento de imagem e de todas as outras falhas e atravessamentos da internet. Sente-se falta de estar de corpo inteiro no encontro, e não só a imagem do rosto em uma janelinha na tela. Ressaltamos que a experiência demonstrou ser possível realizar um trabalho terapêutico em grupo no espaço virtual, basta o desejo, a implicação e o engajamento para poder utilizar os mais diversos recursos, suscitando o acolhimento, o encontro com o desejo e com as manifestações inconscientes.

Referências

- Antônio Moreira, J & Schlemmer, E. (2020). Por um novo conceito e paradigma de educação digital online. *Revista UFG*, 20(26).
- Belo, F. (2020). *Clínica psicanalítica on-line: breves apontamentos sobre atendimento virtual*. 1. ed. São Paulo: Zagodoni.
- Brasil. (2019) *Lei nº 13.935/2019 - Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13935.htm.
- Conselho Federal de Psicologia. (2019) *Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) na educação básica*. Brasília: CFP.
- Facci, Marilda Gonçalves Dias, Silva, Silvia Maria Cintra da, & Souza, Marilene Proença Rebello de. (2020). *A psicologia escolar e educacional em tempos de pandemia*. *Psicologia Escolar e Educacional*, 24.
- Fernández, A. (1994). *A Mulher escondida na professora*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Foucault (2008). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. 35. ed. Petrópolis: Vozes.
- Freud, S. (1920) Conferência XVII. O sentido dos sintomas. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1921). Psicologia das massas e análise do ego. In: Freud S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 89-179.
- Kupfer, M.C. (1989) *Freud e a educação: o mestre do impossível*. São Paulo, SP: Ed. Scipione.
- Naffah, N.A. (1988) *O Inconsciente: um estudo crítico*. 2 ed. São Paulo: Ática.
- Queiroz, D. T et al. (2007) Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. *Revista Enfermagem UERJ*, 15(2), 276-283.
- Reis, E. J. F. Araújo, T. Carvalho, F. Barbalho, F. Silva, M. (2006). Docência e exaustão emocional. *Educ. Soc.*, Campinas, 27 (94), 229-253. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/es/a/sbzFLvJbZLg69wmdVx7Ppkm/?format=pdf&lang=pt>
- Silverstein, S. (2018). *A parte que falta*. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- Winnicott, D. (1975). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento. In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago.
- Vygotski, L. S. (1993). *Obras escolhidas. Tomo II*. Madrid: Visor.
- Zimerman, D. (1993) *Fundamentos básicos das grupoterapias*. Porto Alegre: Artmed.
- Zimerman, D. (1999) *Fundamentos psicanalíticos*. Porto Alegre: Artmed.
- Zimerman, D. (2007). A importância dos grupos na saúde, cultura e diversidade. *Vínculo*, 4(4), 1-16.
- Zimerman, D. (2008). *Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão*. Porto Alegre: Artmed.